

Cadeira n. 26. Patrono: Evaristo da Veiga
Diário de Minas, 7. 4. 1957

JOSE EDUARDO DA FONSECA — Fundador da cadeira. n. 26, nasceu em Mariana em 13 de outubro de 1883 e faleceu em Belo Horizonte em 16 do referido mês em 1936, ou seja exatamente três dias depois de completar 53 anos. Foram seus pais João Teixeira da Fonseca e d. Maria Francisca da Fonseca. Fez os seus estudos primários em Ouro Preto, completando os secundários na velha Capital. Daí seguiu para S. Paulo, cuja Faculdade de Direito frequentou até o terceiro ano. Durante o tempo em que permaneceu na paulicéia exerceu com brilho o jornalismo nos principais órgãos da capital bandeirante, tendo dirigido, ainda, a "Cidade de Santos". Transferindo-se para a Faculdade de Direito de Minas Gerais, sedida em Belo Horizonte, nela concluiu, em 1904, o curso de direito. Nomeado promotor de justiça de Mar de Espanha, exerceu o cargo com extraordinária exactidão. Data dessa época o conhecido trabalho "Justiça Criminal", coletânea de estudos jurídicos, fruto de infatigável labor, no exercício do cargo. Vindo para Belo Horizonte, foi convidado, no governo do presidente Delfim Moreira, a ocupar a cadeira de psicologia e filosofia no Ginásio Mineiro da Capital. Desde então, dedicou-se intensamente às lides de advogado e às do magistério, alcançando a cátedra de Direito Constitucional na Faculdade de Direito, incorporada à Universidade de Minas Gerais, e a cátedra de Legislação e Organização das Indústrias, da Escola de Engenharia, da mesma Universidade. Foi eleito para a Academia Mineira de Letras em 13 de maio de 1910, participando do grupo dos dez intelectuais, para a totalização dos quarenta, de que se compõe o instituto. Palavra brilhante, foi escolhido orador oficial da Academia, quando de sua instalação em Belo Horizonte, transferida que fora de Juiz de Fora para a Capital. Caracterizou-se a sua atividade intelectual em quatro pontos: jurista, orador, escritor e jornalista. Como jurista, estava em dia com os problemas do direito, e nada escapava à sua vigilante argúcia. Não era um improvisador no trabalho. Tudo nele surgia sob meditação e extenuantes pesquisas. Orador, tinha a palavra fluida, castigada, entre imagens que revelam a harmonia de seu espírito. Como professor, suas aulas despertavam o entusiasmo dos alunos que lhe repetiam as expressões por vèzes singulares, bebidas em clássico de alto estigma. Na condição de jornalista, sua pena versava sempre os problemas nacionais, em sentido construtivo, dentro de análises que não escondiam o calor de suas convicções. Legou aos seus, à Minas e a seu tempo um nome que ficou aureolado pela expressão da virtude, digna das varões austeros: morreu pobre. Publicou: "Introdução ao Direito Público", "Pela tribuna", "A palavra pública" e um estudo sobre Evaristo da Veiga, patrono de sua cadeira — "O Patriarca da Imprensa".



Prof. José Eduardo da Fonseca

152

MARIO CASASSANTA — Nasceu em Camanducaia em 15 de junho de 1898. Fez os estudos primários na terra natal e secundário no Ginásio São José de Pouso Alegre. Diplomou-se primeiramente em farmácia na Escola de Farmácia de Pouso Alegre (1920) e em direito na Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais em 1924. Dedicando-se à atividade pedagógica, foi professor de português, latim, francês, história geral e do Brasil em Pouso Alegre e Campinas, de sociologia e história univer-



.... Prof. Mário Casassanta

sal, no Colégio Arnaldo, de Belo Horizonte. Mediante concurso, alcançou a cadeira de português no Colégio Estadual. Foi ainda, durante dez anos, professor no Instituto de Educação. Ainda mediante concurso, fez-se catedrático de Direito Constitucional da Faculdade de Direito da UMG. Fundada a Faculdade Mineira de Direito da Universidade Católica, ocupa a cadeira de Teoria Geral do Estado. Exerceu diversos cargos, entre os quais os seguintes: Inspetor Geral da Instrução de Minas (1928 a 1931); Diretor do Departamento da Educação do Distrito Federal em 1938; Reitor da Universidade da Universidade de Minas Gerais e Diretor, por duas vezes da Imprensa Oficial de Minas Gerais. Foi ainda, em 1938, professor de Prática de Ensino, do Instituto

de Educação do Distrito Federal. Na atualidade é catedrático da Faculdade de Direito da UMG e da Faculdade Mineira de Direito da UC, além de professor de português, na Faculdade de Filosofia, desde a fundação. Exerceu durante algum tempo a presidência da Caixa Econômica Federal em Minas. Pertence a numerosas entidades científicas e culturais: Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, de que foi vice-presidente, Instituto de Cultura Francêsa, Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos, Academia Nacional de Filosofia. Foi eleito membro da Academia Mineira de Letras, em votação unânime, em 1934, e dela foi presidente nos biênios 1934-1935, 1945-1946, 1951-1952 e 1953-1954. Ocupa, na atualidade, o cargo de diretor do Instituto de Educação. Publicou: "São Francisco de Assis e as aves do Céu" (1926); "Minas e os Mineiros na obra de Machado de Assis"; "Machado de Assis e o tédio à controvérsia"; "Machado de Assis, escritor nacional"; "Razões de Minas" (1932); "Responsabilidade do Estado por Fatos de Guerra" (tese de concurso); "O Poder de Veto" (tese de concurso); "A palavra Mesmo" (tese de concurso); "Notas de Raul Soares à gramática de João Ribeiro"; "Júlio Ribeiro e Maximino Maciel"; "Jevitas nos Lusíadas?"; "D. Bosco, educador"; "Um caso de acumulação de cátedras". Durante três anos consecutivos escreveu, diariamente, em "Folha de Minas" numerosos artigos em matéria filológica e outros assuntos. Manteve, também, por muito tempo, em coluna diária no DIÁRIO DE MINAS, farta colaboração. Para o terceiro volume das Obras Completas de Antonio Tórres, intitulado "Parquinadas Caricças", escreveu o prólogo, que deverá ser publicado em breve. Além de profundo conhecedor da obra de Machado de Assis, dedica-se devotadamente aos trabalhos de Camilo Castelo Branco, tornando-se no Brasil autoridade incontestada em assuntos camilhanos. Jurista, professor de direito, consumado filólogo, de vasta erudição, finíssimo "cauzeur", realiza o milagre de humanista completo. De sua pena tudo o que sai é cintilação. Num simples período, por menor que apareça, há sempre o brilho das pépitas de ouro que acusam a presença de consumado mestre.

(Coleção organizada por MARTINS DE OLIVEIRA)